



CADERNO 21



Correio Mercantil (pg 1)
Rio de Janeiro. Sabbado 28 de Setembro 1867

Nossa posição no Rio de Prata cada vez
mais se complica. No theatro da guerra
seus sido que arrostar as difficuldades
do terreno, onde operão as forças allia-
das, são singularmente favoraveis ao
inimigo. Mas não são estas as unicas
com que ora lutamos.

As complicações muito serias que envol-
vem perigos mais ou menos remotos.
Para apreciá-las não é preciso ir a
Luz. Cúe, nem attender na situa-
ção de nossa esquadra diante das for-
tificações de Humaitá; basta entrar
no Prata e observar as inquietações,
as desconfianças e rivalidades, essa
obra são adiandada dos interesses
partidarios, que se levantão em uma
corra na outra margem do grande
rio.

O espirito publico não está ali unica-
mente absorvido nas vicissitudes
da guerra. O publico favorecem a po-

julgaridade onnipotente nas de-
mocracias, falando-lhe a lin-
guagem fascinadora dos bríos e
dignidade nacional, ou para justifi-
ficarem a necessidade da recons-
trução do antigo vice-reinado
explorão ali os perdidos com in-
cessante empenho e cruel perse-
verança. Tudo quanto pôde re-
dundar em debilitamento do im-
pério.

Para nós brasileiros a victoria
contra Lopez é o fim unico de
nossos esforços, o alvo derradei-
ro de nossas esperanças. Não
fomos ao Paraguay buscar ou-
tra coisa, porque essa victoria
importa o desagravo de nossa
honra e dignidade nacional. Não
outra coisa, lá ambicionamos que
buscar. Não precisamos de aug-
mento de territorio para o império
conquistar por tão alto preço. De
nós vivido admiravelmente sem
os louros e gloria militar adquire

ridos em campanha contra o Para-
guay, poderiamos viver admiravel-
mente sem elles até a consumma-
ção dos séculos.

Parece que as aspirações dos homens
políticos da Confederação Argentina
são outras. Na leitura de seus jar-
naes se deprehende que pretendem
mais alguma coisa; aproveitar-
se das circunstancias para
hastear a bandeira da unifica-
ção dos Estados do Prata, tendo por
capital a cidade de Montevideo. Não
há muito disse o Sr. Elizalde,
quando ministro dos negocios es-
trangeiros, ao representante de Sua
Majestade Britannica em Bue-
nos Ayres como foi publicado pela
imprensa, que contava não mor-
rer, sem ver realisado este gran-
de desideratium de seu paiz; e o
plano da unificação é constantemente
discutido nos diarios de
maior larga circulação.

E, pois, é fora de duvida que o

espírito argentino não menciona
como o espírito brasileiro para
no desagravo da independen-
cia e soberania nacional.

Prepara-se para ir adiante e
não desdizer-se enquanto não
vir realizadas suas mais ca-
ras esperanças, considerando
muito favoráveis aos seus in-
teriosos as circunstâncias dif-
íceis em que nos achamos.

Essa presença tem sido indubi-
tavelmente um elemento de
fraqueza, um dos maiores obs-
táculos à conclusão da guerra.

A elle se deve talvez o limitado
contingente das forças argen-
tinas, a expectação ~~antipática~~
antipática de Entre-Rios, a
abstenção completa de outros
estados da confederação e as apre-
ciações injustas da pericia de
nossos generaes.

Parece que muito se deseja e
prega o auxilio de nosso exercito

e armada, de todo nosso material de guerra contra Lopez, mas com uma condição imprescindível de concorrer tudo isto para encarecer o mérito, a influencia e a glória da direcção argentina.

Pode ser que nos vitludão as seduccões de nosso patriotismo ao lançar os olhos pelas occorrencias de ambas as margens do Prata, sem ser preciso demorarmos a embocadura do Paraguay, mas tambem póde ser que sejamos pura e simplesmente logicos e em todo caso sempre esclarecer a situação, para sabermos a lei em que vivemos em relação ás republicas vizinhas.